Memorandum

Artigo

Análise do pilar psicológico da obra de Lawrence Kohlberg e seu legado para a Psicologia Moral

Analysis of the psychological pillar of Lawrence Kohlberg's work and its legacy to Moral Psychology

Matheus Estevão Ferreira da Silva
https://orcid.org/0000-0002-2059-6361
Universidade Estadual Paulista Professor Júlio Mesquita Filho
Brasil

Júlio Rique Neto
https://orcid.org/0000-0001-7383-5111

Cleonice Pereira dos Santos Camino
https://orcid.org/0000-0002-5756-7214
Universidade Federal da Paraíba
Brasil

Resumo
Busca-se analisar o pilar psicológico da obra de Lawrence Kohlberg, cujo principal produto é sua teoria psicológica sobre o desenvolvimento moral, e destacar a importância que esse autor teve para a consolidação da Psicologia Moral. Parte-se da análise diacrônica de sua obra, que a divide em quatro pilares: psicológico, filosófico, educacional e metodológico. Eleito o pilar psicológico, a partir de fontes primárias e secundárias, disserta-se sobre a vida e obra por ele deixada e a relação entre ambas: seu projeto de vida em busca por uma moralidade universal de justiça, que guiou todo seu escopo de pesquisa. Pormenoriza-se o pilar psicológico dessa obra, salientando as pesquisas que originaram sua teoria. Por fim, argumenta-se sobre a fundação da abordagem cognitivo-evolutiva por Kohlberg a partir desse pilar e, por conseguinte, a repercussão que teve, em âmbito global, no estudo psicológico da moralidade, chegando a consolidar a própria Psicologia Moral.
Palavras-chaves: Lawrence Kohlberg; história da psicologia; psicologia moral; desenvolvimento moral.

Abstract
The psychological pillar of Lawrence Kohlberg's work, whose main product is his psychological theory on moral development, and its importance for the consolidation of Moral Psychology are analyzed. It starts with a diachronic analysis of his work, which divides it into four pillars: psychological, philosophical, educational and methodological. Choosing the psychological pillar, based on primary and secondary sources, we talk about the life and work he left and the relationship between both: his life project in search of a universal morality of justice, which guided his scope of research. The psychological pillar is detailed, highlighting the research that gave rise to it. Finally, it is argued about the foundation of the cognitive-evolutionary approach by Kohlberg based on this pillar and, consequently, the repercussion it had, globally, on the psychological study of morality, going so far as to consolidate Moral Psychology itself.
Keywords: Lawrence Kohlberg; history of psychology; moral psychology; moral development.

CC BY NC

São diversas as áreas do conhecimento que se dedicam ao estudo da moralidade, "como a Filosofia, a Sociologia, o Direito, entre outras, mas é na Psicologia que o estudo do tema encontra respaldo em pesquisas empíricas e no desenvolvimento de métodos apropriados à sua investigação" (Lepre, 2015, p. 9). Nesse sentido, para La Taille, Souza e Vizioli (2004), coube à Psicologia a produção científica mais consistente na investigação da moralidade, cuja expressividade constituiu um campo formal de estudos: a *Psicologia Moral*. E, dentro desse campo, estão reunidas várias teorias, com diferentes abordagens, para o estudo do desenvolvimento da moralidade.

Porém, uma dessas abordagens, a chamada *abordagem cognitivo-evolutiva*[1] do desenvolvimento moral, foi também a responsável pela própria consolidação do campo da Psicologia Moral "como área nobre da Psicologia" (La Taille, 2007, p. 17). Como consideram vários(as) autores(as) (La Taille, Souza & Vizioli, 2004, Biaggio, 2006, La Taille, 2007, Lepre, 2015), embora seja o epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) quem traz as primícias dessa perspectiva no estudo psicológico da moralidade[2], é somente com o trabalho do psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg (1927-1987) que a abordagem cognitivo-evolutiva é fundada, ao mesmo tempo em que a fez alcançar o *status* de mais produtiva e predominante no campo, despertando o interesse da comunidade acadêmica mundial para o estudo da moralidade desde o final da década de 1960.

Algumas autoras e autores da literatura (Freitag, 1992, Shimizu, 2002, Menin & Bataglia, 2017) empregam uma interpretação diacrônica da obra de Kohlberg (1981, 1984, 1992), dividindo-a em quatro pilares que a sustentariam e salientando que, embora coexistissem, cada um dos pilares esteve sob maior evidência em determinados momentos de sua vida: os pilares *psicológico*, *filosófico*, *educacional* e *metodológico*.

Em pesquisa anterior (Silva, 2020, 2021), em que objetivamos o levantamento e análise de artigos científicos e de teses e dissertações da Psicologia Moral, constatamos que a obra de Kohlberg não tem sido abordada em sua completude nessas pesquisas, que utilizam predominantemente de fontes secundárias, sem entrar em contato diretamente com o trabalho do autor, e que privilegiam a referência ao modelo de desenvolvimento em níveis e estágios proveniente de sua teoria, então pertencente ao seu pilar psicológico. Uma das hipóteses erigidas foi a de que a escassez de textos traduzidos de Kohlberg à língua portuguesa[3] restringe o acesso

[1] Apesar do uso da nomenclatura "abordagem cognitivo-evolutiva" para referir-se à abordagem cognitiva de Kohlberg sobre o desenvolvimento moral, atualmente o termo "evolutivo" tem sido mais empregado no campo da *Psicologia Evolutiva*, que se difere da *Psicologia do Desenvolvimento*, outro campo da Psicologia que a teoria de Kohlberg se insere, e da Psicologia Moral, aqui enfocado.

[2] Piaget (1994[1932]) forneceu apenas as primícias da abordagem cognitivo-evolutiva, que só foi constituída a partir dos estudos e da teoria de Kohlberg (1992), autor posterior a Piaget, sendo a teoria moral piagetiana considerada como um projeto inacabado (Freitas, 2003).

[3] Ângela Biaggio publicou o primeiro livro em português (pt-br) sobre Kohlberg (Biaggio, 2006),

de pesquisadores(as) brasileiros(as) ao seu trabalho.

Assim, neste artigo, a partir do procedimento de revisão bibliográfica, tem-se como objetivo analisar o pilar psicológico da obra de Lawrence Kohlberg, cujo principal produto é sua teoria psicológica sobre o desenvolvimento moral, e a importância que esse autor teve para a consolidação do que veio a se chamar de Psicologia Moral.

Cabe salientar que, no procedimento de revisão bibliográfica, teve-se a intenção de buscar subsídios prioritariamente em *fontes primárias*, isto é, em artigos, livros e capítulos de autoria de Kohlberg (1981, 1982a, 1982b, 1984, 1986, 1992, 2006a, 2006b, Kohlberg, Power, & Higgins, 1997, Colby & Kohlberg, 1987, Colby e outros 1983, Nisan & Kohlberg, 1982, Levine, Kohlberg & Hewer, 1985). Para a construção dos argumentos do artigo, porém, também se encontrou respaldo em *fontes secundárias*, a partir de produções de estudiosos(as) da obra de Kohlberg e da Psicologia Moral, privilegiando bibliografia de referência e atual, tanto nacional como internacional.

Escolheu-se analisar o pilar psicológico em razão de, como mencionado, sua teoria moral psicológica e o modelo de desenvolvimento que prescreve serem os principais aspectos referenciados nas pesquisas do campo. Argumentamos, contudo, que o pilar psicológico da obra de Kohlberg vai além desse referido modelo de níveis e estágios de desenvolvimento moral, ainda que seja o aspecto mais referenciado.

Para tal, o texto do artigo divide-se da seguinte forma: primeiro, sem a intenção de esgotar todo o assunto em torno da vida pessoal de Kohlberg e as implicações que essa desempenhou em sua obra, ressaltam-se alguns aspectos biográficos relevantes para compreender sua teoria, notadamente seu processo de elaboração e fundamentação, e a análise diacrônica de sua obra. Em seguida, pormenoriza-se o referido pilar psicológico dessa obra, salientando sua fundamentação em Piaget; sua pesquisa de doutoramento; a metodologia elaborada e seu instrumento de mensuração; a razão como principal regulador moral e a estrutura de justiça; e os estudos transculturais desenvolvidos para validação da universalidade da teoria. Por último, argumenta-se sobre a fundação da abordagem cognitivo-evolutiva por Kohlberg e a repercussão que essa abordagem teve, em âmbito global, no estudo psicológico da moralidade, chegando a consolidar a própria Psicologia Moral. O artigo se encerra com as considerações finais.

Lawrence Kohlberg: vida e (os quatro pilares de sua) obra

Lawrence Kohlberg foi um psicólogo, professor universitário e pesquisador estadunidense nascido em 25 de outubro no ano de 1927 em Bronxville, Condado

além de também ter sido responsável pelas primeiras traduções de escritos do autor, inseridas nesse mesmo livro como uma antologia.

de Westchester, Estados Unidos, e que veio a falecer precocemente, em 19 de janeiro do ano de 1987, aos 59 anos.

Dentre suas maiores contribuições à Psicologia Moral, está a elaboração de uma das teorias mais importantes do século XX sobre o desenvolvimento moral, que, em síntese, busca compreender como se dá o desenvolvimento do respeito às regras pelas pessoas, o modo como a consciência se obriga a respeitá-las e a sua evolução ao longo da vida (Kohlberg, 1981, 1984, 1992). Essa teoria originou-se, ainda em estado inicial, com a pesquisa que ele desenvolveu em sua tese de Doutorado defendida em 1958 na Universidade de Chicago, sendo aperfeiçoada e validada em estudos seguintes.

Seu doutoramento, contudo, é antecedido por circunstâncias biográficas que vivenciou e que inspiraram, com implicações diretas, seu ingresso na carreira acadêmica. Assim, a atuação do autor no meio acadêmico teve, desde o princípio, um ponto em comum que guiava todos seus esforços em pesquisa: a busca por uma moralidade universal de justiça. Conforme argumentam Assis e outros (2018), o contexto social e político da época em que Kohlberg se inseria, se considerado pormenoramente, revela que sua teoria fazia parte tanto de um projeto pessoal em busca da moralidade universal de justiça quanto de uma demanda por mudança social, em escala global, contemporânea à vida e carreira acadêmica do autor.

Em 1945, aos 18 anos, alistou-se na marinha mercante americana e foi enviado para perto dos destroços do Holocausto da Segunda Guerra Mundial, como conta no artigo *Beds for bananas*, seu primeiro texto, não-acadêmico. Kohlberg, integrando a marinha, ajudou clandestinos judeus a escaparem em seu navio para a Palestina, o que era proibido em lei pelo bloqueio Britânico. Kohlberg contrabandeava judeus dentro das camas dos passageiros que dizia aos fiscais do governo inglês que eram contêineres que transportavam bananas. De origem judia e aderindo ao *sionismo*, ele começou a ter consciência de que há circunstâncias em que a lei pode ser injusta e, portanto, questionável, sendo um dever moral desobedecê-la, cujo raciocínio é a essência da teoria que viria a elaborar. Sua experiência naquele cenário de guerra pode ser considerada como um embrião para sua busca pessoal por justiça.

Com o fim da missão e retorno aos Estados Unidos, Kohlberg deparou-se com o chamado da Universidade de Chicago de "[...] que uma vida sem questionamento não valia a pena ser vivida" (Kohlberg, 1991/2006b, p. 83). Matriculou-se no curso de Psicologia, em 1948, bacharelando-se posteriormente com a intenção de tornar-se psicólogo clínico. No entanto, interessado pelo estudo de temas éticos, passou a debruçar-se sobre autores da Filosofia e ingressou à pós-graduação pela mesma Universidade.

Um ideal moral de justiça, que há muito se retratava nos debates filosóficos e que se equivaleria ao que hoje chamamos de ética, era o que Kohlberg procurava encontrar no funcionamento psicológico humano, e de que esse ideal é

possível do ser humano alcançar e desenvolver. Pode-se dizer que, quanto a isso, a trajetória do autor se assemelha com a de Piaget. Tanto Kohlberg como Piaget fundamentaram-se em ideias filosóficas – no caso deles, a Filosofia kantiana – e ambos procuraram, na Psicologia, achados empíricos que endossassem os modelos psicológicos que suas respectivas teorias propõem com base nessas ideias. Além disso, foi no trabalho de Piaget que Kohlberg se fundamentou para formular sua teoria, ao mesmo tempo em que ampliou as investigações piagetianas no campo da moralidade. Apesar disso, tanto Piaget quanto Kohlberg trouxeram inovações em relação às ideias kantianas, sendo talvez a principal delas a de que as categorias cognitivas do desenvolvimento não são a priori, mas construídas pela relação do sujeito com o meio.

No que tange especificamente à teoria kohlberguiana, ela revisita o trabalho de Piaget nos campos da cognição e, principalmente, da moralidade (Piaget, 1994[1932]) e inova ao propor que o desenvolvimento moral, da mesma forma que o modelo de desenvolvimento cognitivo piagetiano, dá-se pela evolução de estágios.

No seu livro seminal e único que trata da moralidade em investigação empírica, *O juízo moral na criança*, publicado em 1932, Piaget traça seu modelo psicogenético de desenvolvimento por tendências morais, da *heteronomia* à *autonomia*. Ainda que concordasse com Piaget (1994[1932]), Kohlberg (1992) considerou os conceitos de heteronomia e autonomia insuficientes para classificar os tipos de raciocínio moral. Para o autor, esse caminho em que ocorre o desenvolvimento moral apresentar-se-ia em três níveis e seis estágios sequenciais e qualitativamente hierárquicos, de modo que o raciocínio moral de um estágio inclui o raciocínio do estágio anterior e o supera.

No seu doutoramento, Kohlberg (1992) apresentou um estudo longitudinal com cerca de 84 adolescentes brancos de classe média moradores de Chicago e com idade entre 10 e 16 anos, idades posteriores às das crianças do livro de Piaget (1994[1932]). A partir desse estudo, o autor obteve a definição dos estágios de desenvolvimento moral que propôs em sua teoria, que naquele momento se encontrava em estado inicial e que seria aperfeiçoada somente nos estudos seguintes que desenvolveu.

Kohlberg atuou como professor da Universidade de Yale de 1961 a 1962, da Universidade de Chicago de 1962 a 1967 e da Universidade de Harvard de 1968 a 1987, ano de sua morte. Ao longo desse período, ele deu continuidade às suas pesquisas, validando sua teoria por meio de vários e contínuos estudos que desenvolveu – sendo responsável por um dos maiores Programas de Pesquisa em Psicologia Moral –, inclusive ambientando-os em diferentes culturas, além de ter sistematizado seu método de mensuração com a elaboração da *Moral Judgment Interview* (MJI) (Colby & Kohlberg, 1987), uma entrevista padronizada de avaliação do juízo moral.

Em 1971, Kohlberg contraiu uma infecção causada por um parasita intestinal enquanto fazia uma pesquisa intercultural em Belize. Após anos convivendo com essa doença que o afligia, Kohlberg suicidou-se no ano de 1987, aos 59 anos, "[...] dirigindo seu carro até Winthrop. Estacionou-o numa rua sem saída e caminhou para o mar, onde se afogou. Seu corpo foi encontrado três meses depois, próximo a Boston" (Biaggio, 2006, p. 15). Para Biaggio (2006), a morte de Kohlberg não deveria ser encarada como um suicídio, mas como uma autoeutanásia, por ser coerente com seus valores, tal como exemplificado nas respostas ao dilema da eutanásia, presentes no manual da MJI (Colby & Kohlberg, 1987).

Com sua morte precoce, muitos(as) pesquisadores(as) discutiram qual o legado deixado por Kohlberg, "em quais novas direções o campo poderia se mover sem a força da presença e participação desse homem" (Hayes, 1994, p. 261, tradução nossa). Para Shimizu (2002), a grande potencialidade da teoria de Kohlberg está na revolução que ela causou, junto da teoria de Piaget, à compreensão sobre a moralidade, bem como ao seu estudo científico. Nesse sentido, Lind (2000, p. 400) considera que Kohlberg "transformou a moralidade em um assunto de pesquisa", assim como "[...] abriu a possibilidade de um conhecimento científico sobre uma educação moral sistemática que vá além da doutrinação moral de um lado e do relativismo desinteressado do outro. Isso pode provar um dia seu inestimável serviço para assegurar a democracia" (p. 400).

Ainda que tenha ocupado esse lugar de destaque, a teoria de Kohlberg também sofreu diversas críticas, de autores(as) de dentro e de fora do campo da Psicologia Moral (Biaggio, 2006, La Taille e outros, 2004). Várias dessas críticas suscitaram o surgimento de outras teorias sobre o desenvolvimento moral partindo dessa mesma perspectiva cognitivo-evolutiva, "tanto teorias mais críticas às ideias de Kohlberg e que propuseram outros caminhos de teorização a serem tomados quanto teorias que propuseram somente algumas mudanças às ideias de Kohlberg" (Silva & Martins, 2022, p. 44).

Cabe ressaltar, ainda, que grande parte do trabalho de Kohlberg foi realizado junto ao *Harvard's Center for Moral Education*, que ele mesmo fundou no período em que lecionou em Harvard, "que, no dizer de um europeu, era a 'meca da educação moral'" (Biaggio, 2006, p. 9). Rheta Devries (1991, p. 10, tradução nossa), que colaborou diretamente nos estudos de Kohlberg, afirma que "foi só nos anos de Harvard que o engajamento ativo em experimentos e pesquisas nas escolas começou, guiado por sua convicção de longa data sobre 'conceitos de psicologia do desenvolvimento como o guia central para a educação'". Assim, nesse período em Harvard, seu foco já estava voltado às implicações educacionais de sua teoria e não mais apenas à proposição de um modelo de desenvolvimento, em como medi-lo e seu embasamento filosófico, tal como esteve voltado desde seu doutoramento até o período em que lecionou em Yale e Chicago.

Isso nos leva a uma última consideração na presente exposição da vida e obra

de Kohlberg: a divisão de sua obra em pilares que a sustentam e de períodos de sua vida acadêmica em que cada uma dessas sustentações, embora coexistissem, foi o seu foco.

Quanto aos períodos de sua vida dedicada ao estudo da moralidade, Freitag (1992) apud Shimizu (2002, p. 27) afirma que:

> [...] se a obra de Kohlberg fosse analisada de forma diacrônica poderiam ser distinguidos quatro importantes períodos de sua produção. O primeiro, compreendido entre 1958-1969, estaria ligado à retomada e ao aperfeiçoamento do modelo da moralidade de Piaget (1932/1977). O segundo, referente à década de 70, diria respeito ao aperfeiçoamento metodológico de suas pesquisas empíricas. O terceiro, de 1978 a 1984, vincular-se-ia à elaboração de programas de educação moral para escolas e universidades. E o último período, de 1985 a 1987 (ano do falecimento de Kohlberg), poderia ser definido como uma fase de reformulação teórica e fundamentação de sua teoria psicológica moral.

É importante esclarecer a compreensão aqui posta de *pilares*, foi empregada neste artigo para se referir às partes que constituem a totalidade de um trabalho de pesquisa, ou seja, os pilares que sustentam a obra deixada por Kohlberg. Essa compreensão, portanto, difere-se de expressões como "pilares de uma teoria", que se refeririam às bases epistemológicas de determinada teoria, e não à obra intelectual deixada por um(a) autor(a).

Shimizu (2002) e Menin e Bataglia (2017, p. 93) consideram, em consenso, que a obra de Kohlberg foi erigida sobre a sustentação quatro pilares: "[...] uma teoria psicológica do desenvolvimento moral; embasamento na filosofia moral; a educação moral; e mensuração do nível de juízo moral", respectivamente, um pilar psicológico, um pilar filosófico, um pilar educacional e um pilar metodológico.

Relacionando os períodos com os pilares, pode-se dizer que o primeiro período traçado por Freitag (1992), de 1958 a 1969, está relacionado com o trabalho de Kohlberg em torno dos pilares psicológico e filosófico, em que: retoma o trabalho de Piaget (1994[1932]) para definição dos níveis e estágios de seu modelo de desenvolvimento da moralidade e procura por corroboração empírica realizando seus primeiros estudos (pilar psicológico); e se fundamenta em autores da Filosofia, sobretudo em Kant, para traçar e compreender as bases epistemológicas e os pressupostos meta-éticos de sua teoria (pilar filosófico) (Kohlberg, 1981, 1984, Colby e outros, 1983).

Também nesse período, quanto ao pilar psicológico de Kohlberg, Biaggio (1992, p. 443, grifos da autora) pontua que no ano de "[...] 1963, surge a primeira publicação sobre o assunto, apresentando os dados em que se baseou para chegar a formulação dos estágios", e anos depois, quanto a ambos pilares, psicológico e filosófico, em 1971, "Kohlberg publicou o artigo clássico *From is to ought*, onde aprofunda a questão das relações entre a filosofia e a psicologia no campo da moral, argumentando que é possível a ligação entre o filosófico (ético-normativo) e o

empírico (psicológico)".

O segundo período, que compreende a década de 1970, por sua vez, relaciona-se intimamente com o pilar metodológico, em que Kohlberg deu continuidade aos seus estudos empíricos e voltou-os também para contextos transculturais (Kohlberg, 1981, 1982a, Nisan & Kohlberg, 1982). Vale lembrar que embora nesse período seu foco tenha recaído em sua metodologia de mensuração, na elaboração da MJI, como ele mesmo admite "[...] os anos de 1970 a 1978 foram usados por nós no desenvolvimento de um manual para pontuar os dilemas padrão" (Kohlberg, 1982a, p. 514, tradução nossa), os demais pilares, uma vez que coexistem e são inter-relacionados, não foram abandonados, apenas não eram seu foco naquele momento.

No terceiro período, de 1978 a 1984, sua preocupação esteve voltada ao pilar educacional, em que desenvolveu seus primeiros estudos empíricos em escolas e buscou a instrumentalização de programas de educação moral (Kohlberg, Power & Higgins, 1997), ainda que Devries (1991, p. 8, tradução nossa) ressalte que "muito antes de tentar o trabalho prático na Educação, Kohlberg já considerava seus interesses centrados nas questões educacionais", como fica evidente em várias de suas publicações anteriores. Nesse período, também se destaca a publicação dos *Essays on Moral Development*, dois livros que reúnem e compilam seus artigos e textos publicados até aquele momento, o primeiro livro publicado no ano de 1981, intitulado *The philosophy of moral development* (Kohlberg, 1981), e o segundo publicado no ano de 1984, intitulado *The psychology of moral development* (Kohlberg, 1984).

Por último, no quarto período, de 1985 a 1987, Kohlberg retoma seu foco inicial nos pilares psicológico e filosófico, em que redige seu artigo *O retorno do estágio 6* (Kohlberg, 1990/2006b) e faz algumas revisões na teoria com base nas críticas que vinha recebendo, assim como tece suas últimas réplicas em relação a essas críticas (Kohlberg, 1986, Levine, Kohlberg & Hewer, 1985). Também nesse período, publica a versão definitiva da MJI (Colby & Kohlberg, 1987), principal produto proveniente de seu pilar metodológico. Reafirmamos que essa relação entre períodos e pilares que fazemos não é fixa e está passível de contestações pelos motivos já expostos, ainda assim, continua sendo pertinente para se entender a obra de Kohlberg de uma forma clara e didática.

Concluído esse panorama da vida e obra de Kohlberg, a seguir se discute um dos quatro pilares de sua obra, o pilar psicológico.

O pilar psicológico

Como resume Biaggio (2006, p. 32), Kohlberg "lançou sua teoria em sua tese de doutoramento na Universidade de Chicago em 1958, quando entrevistou crianças e adolescentes de 10, 13 e 16 anos, identificando níveis e estágios de desenvolvimento moral". Desde lá, Kohlberg não via seus interesses contemplados

nas abordagens disponíveis na época para o estudo da moralidade – a Psicanálise e o Behaviorismo –, pois, como aponta Devries (1991, p. 7, tradução nossa), considerava-as "intelectual e filosoficamente ingênuas". Segundo o próprio Kohlberg (1992, pp. 33-34, tradução nossa), "antes de descobrir Piaget, [...] passei vários anos fazendo diagnóstico e trabalho de pesquisa examinando estruturas inconscientes e afetivas de dentro de uma estrutura psicanalítica". Somente depois disso, Kohlberg "topou com Piaget que, naquela época, não fazia parte do currículo da Psicologia" (Devries, 1991, p. 8, tradução nossa) e, para o estudo que pretendia produzir, buscou fundamentação em seu trabalho.

Em sua pesquisa de Doutorado, a partir da qual extraiu sua teoria, Kohlberg (1992, p. 33, tradução nossa) relata que "o objetivo desta pesquisa foi aplicar à adolescência a pesquisa iniciada por Piaget sobre o desenvolvimento do julgamento moral em crianças. Para estudar o desenvolvimento moral na adolescência, decidi usar o método e as suposições gerais de Piaget". Kohlberg continuaria a acompanhar os meninos e adolescentes participantes dessa pesquisa pelos próximos 20 anos (Colby e outros, 1983), o que fez em concomitância às várias outras pesquisas que desenvolveu nesse período.

O método de Piaget (1994[1932]) no seu livro de 1932 foi a observação naturalista seguida de entrevistas com crianças, em que as interrogava sobre as regras de jogos e sobre personagens em histórias-estímulo – que, com o passar dos anos, seria sistematizado e denominado de *método clínico piagetiano*. Interessado pelo método de entrevista de Piaget, Kohlberg verificou que, com ele, a avaliação de estruturas cognitivas era possível por meio das produções verbais espontâneas dos sujeitos entrevistados.

Em seu método, que se manteve o mesmo com o passar dos anos, Kohlberg utilizou entrevistas assim como Piaget (1994[1932]), porém, nessas entrevistas, diferente do epistemólogo suíço, que fez uso de *histórias-estímulo*, Kohlberg utilizou de *dilemas morais*. Os dilemas que Kohlberg apresentava nas entrevistas tratavam de situações extremas, suscitando profundas dúvidas nos entrevistados sobre qual a opção mais correta a se tomar. O mais famoso desses dilemas ficou conhecido como *O dilema de Heinz*. Nesse dilema, o conflito coloca-se entre o valor da vida e o valor da propriedade privada. Kohlberg (1984, 1992) solicitava que seu entrevistado apontasse soluções ao dilema apresentado e as justificasse, assim, analisava a qualidade do raciocínio representado pelo juízo que o entrevistado emitia.

A começar pela adaptação do método, outras diferenças entre Piaget e Kohlberg foram surgindo, sendo talvez a principal delas a inovação que Kohlberg (1984, 1992) faz ao considerar as tendências morais heteronomia e autonomia traçadas por Piaget insuficientes e, em seu lugar, propor níveis e estágios de desenvolvimento moral.

No que compete ao desenvolvimento moral, Piaget (1994[1932]) pareceu não se sentir seguro em traçar estágios tal como fez no desenvolvimento cognitivo,

como pontua Devries (1991, p. 8, tradução nossa): "No julgamento moral, Piaget interrompeu suas próprias investigações com a conclusão de que 'não podemos falar de estágios propriamente ditos'". Dessa forma, enquanto "ele defendeu a natureza do desenvolvimento etário da moralidade heterônoma e autônoma da primeira à meia-infância, Kohlberg assumiu o estudo do desenvolvimento do julgamento moral com a ideia de estender o estudo dessa conceituação até a adolescência" (p. 8, tradução nossa). E, com essa extensão etária que fez, ressaltou ter encontrado raciocínios organizados de forma a sugerir seguramente um modelo de desenvolvimento em estágios morais ao invés de tendências.

Dito de outra forma, para Kohlberg (1984, 1992) o caminho do desenvolvimento moral é mais complexo no sentido de apresentar-se, da mesma forma que o modelo de desenvolvimento cognitivo piagetiano, por meio da evolução em estágios. Ou seja, essa complexidade seria devido às nuances entre os raciocínios morais que tais estágios representariam, inclusive entre aqueles que poderiam ser enquadrados como raciocínios *autônomos*, segundo a tendência piagetiana chamada de autonomia moral. Assim, enquanto Piaget traçou apenas tendências morais a partir de sua investigação empírica com crianças, Kohlberg (1984, 1992) conseguiu aprofundá-las a ponto de identificar estágios de desenvolvimento, que para ele vão da infância à idade adulta, de acordo com os raciocínios que eram apresentados nas entrevistas para a resolução dos dilemas morais.

Não obstante, também no que tange às diferenças entre os dois autores, Piaget (1994[1932]) considera a noção de justiça como um dos aspectos que se altera com a passagem da moral heterônoma para a autônoma, citando esse aspecto assim como vários outros (como o julgamento pela intenção *versus* consequência, o respeito unilateral *versus* o respeito mútuo, a diminuição com a idade do julgamento imanente, a compreensão da regra elaborada pelo adulto *versus* a elaborada por seus pares, etc.). Já Kohlberg (1984, 1992) considera a justiça como a essência da moral: seu modelo de desenvolvimento, na verdade, baseia-se em uma estrutura de justiça, centrando-se na mudança relativa às concepções de justiça.

No entanto, durante toda sua carreira acadêmica, Kohlberg sempre buscou por corroboração empírica para suas assertivas, o que não foi diferente com os fundamentos de sua teoria. Depois de ter se baseado em Piaget, ele passou a se dedicar à exploração exaustiva das ideias piagetianas sobre o desenvolvimento cognitivo e moral (Kohlberg, 1981), com o intuito de encontrar validade no conceito de estágio piagetiano para, então, aplicá-lo consistentemente em sua proposta de estágios morais.

> [...] ele se concentrou na validação empírica do construto de estágio que Piaget propôs para o desenvolvimento cognitivo, mas não para o julgamento moral. Apresentando os pressupostos básicos da hipótese de estágio de Piaget, Kohlberg propôs critérios empíricos para a validação dessa hipótese. Em particular, esses critérios estabeleceram um desafio autoimposto para explorar a hipótese do estágio em relação ao julgamento moral (Devries, 1991, p. 8, tradução nossa).

Em posse de suas próprias evidências empíricas que endossavam os conceitos piagetianos, sobretudo o de estágio, Kohlberg (1981, 1982b) incorporou o conceito de estágio cognitivo na conceituação de seus estágios morais e, não obstante, também apontou para uma relação nesse paralelismo entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento moral, ao ressaltar que um (cognitivo) é condição necessária para o desenvolvimento do outro (moral), embora não seja fator de suficiência. Com isso, Kohlberg (1982b, pp. 33-34, tradução nossa) ressalta que: "[...] existem também outros estágios pelos quais os indivíduos devem passar, talvez o mais básico deles sendo os estágios de inteligência ou raciocínio lógico estudados por Piaget".

Para Kohlberg (1982b, p. 33, tradução nossa), ter um "raciocínio moral avançado dependerá da existência de raciocínio lógico avançado. Existe um paralelo entre o estágio lógico do indivíduo e seu estágio moral". Dessa forma, "muitos indivíduos estão em um estágio lógico superior do que o estágio moral paralelo, mas em essência não há nenhum que esteja em um estágio moral superior ao seu estágio lógico" (p. 33, tradução nossa).

Os seis estágios de desenvolvimento moral de Kohlberg (1984, 1992) apresentam-se, cada um, como mais avançados e cognitivamente mais complexos que o anterior, considerando seu paralelismo com o desenvolvimento cognitivo. Nesse seu modelo, o desenvolvimento perpassa por três níveis e seis estágios, sendo dois estágios correspondentes a cada nível.

Antes de se apresentar cada nível e respectivos estágios pormenoramente, cabe ressaltar alguns dos pressupostos assumidos por Kohlberg ao traçá-los, pois, como ele mesmo salienta, "os estágios morais devem ter uma organização ou explicação lógica se forem estágios 'verdadeiros'" (Kohlberg, 1981, p. 137, tradução nossa), organização que ele define a partir desses pressupostos. Ou seja, de que há critérios pelos quais parte a organização desse modelo de desenvolvimento. E, para sua validação, isto é, para se saber se o seu modelo tal como propõe seguindo esses pressupostos é verdadeiro, Kohlberg buscou por corroboração empírica.

Como ele também salienta, "esses pressupostos de minha teoria psicológica correspondem a suposições metaéticas paralelas de uma teoria moral" (Kohlberg, 1981, p. 134, tradução nossa). Assim, conforme Shimizu (2002, p. 25) ressalta em sua análise, "na visão de Kohlberg existe uma conversão entre a teoria psicológica da moralidade e a filosofia da moralidade [...], enquanto a Psicologia estaria descobrindo novos pontos de vistas morais, a Filosofia se ocuparia dos contextos e justificativas destes". Ou seja, além desses pressupostos corresponderem à forma como ocorre o funcionamento psicológico dentro de seu modelo de desenvolvimento, eles também correspondem a pressupostos meta-éticos, elucidando que seu modelo, além de verificado pela pesquisa psicológica empírica, é filosoficamente justificado.

Kohlberg (1981, pp. 136-137, tradução nossa) explicita três de seus princi-

pais pressupostos meta-éticos: "1. Estágios implicam em uma *ordem ou sequência invariante*, [...] 2. implicam um '*todo estruturado'*, [...] 3. estágios são *integrações hierárquica*". Dessa forma, os três pressupostos são: 1) Sequência invariante, 2) Universalismo, e 3) Não neutralidade. Moraes (2016) sintetiza cada um desses pressupostos, a qual nos ancoraremos. O primeiro pressuposto, *Sequência invariante*, é o de que "os estágios implicam numa sequência invariante, ou seja, são constituídos por estruturas diferentes qualitativamente e que mostram consistência na expressão de juízos morais sobre diversas situações e problemas" (Moraes, 2016, p. 37). O segundo pressuposto, *Universalismo*, é o de que "o conceito de estágio envolve 'a universalidade da sequência em condições culturais diferentes', isso quer dizer que os estágios obedecem a um movimento progressivo numa sequência invariável de desenvolvimento individual, sucessivamente realizando operações lógicas cada vez mais complexas" (p. 37). O terceiro, *Não neutralidade*, é o de que "os estágios são integrações hierárquicas, ou seja, embora tenham formas de raciocínio diferenciadas, o novo estágio integra as estruturas do pensamento dos estágios precedentes e se integra às estruturas subsequentes que constituem o estágio mais evoluído" (p. 37).

Ainda assim, além desses três salientados por Kohlberg (1981), consideramos pertinente referenciar outros dois pressupostos: o 4) Formalismo e a 5) Orientação para a justiça. Assim, ainda segundo a análise de Moraes (2016, p. 37), o quarto pressuposto, *Formalismo*, "é que cada um dos estágios formam um todo que resulta de uma organização racional que lhe é subjacente, isso implica que não se trata de listar atitudes diante de situações particulares". Enquanto o quinto pressuposto, *Orientação para a justiça*, refere-se à identificação de Kohlberg (1981) sobre os tipos de raciocínio respectivos aos seus estágios serem raciocínios de justiça e, por isso, que o desenvolvimento moral se centra em uma estrutura de justiça.

A definição de estágios morais foi a principal contribuição da tese de Doutorado de Kohlberg, definição da qual erigiu sua teoria psicológica e modelo de desenvolvimento subjacente. Contudo, para validá-los, requereram-se estudos seguintes, conforme o próprio Kohlberg (1992, p. 18, tradução nossa) enfatiza: "a ideia básica da existência de seis estágios psicológicos de desenvolvimento moral remonta à minha tese de doutorado de 1958. No entanto, foram necessários vinte anos para validá-la empiricamente".

Colby e outros (1983) apresentam os resultados do estudo longitudinal de 20 anos decorrente da pesquisa de Doutorado de Kohlberg, que continuou a entrevistar, em um intervalo de três anos, os mesmos 84 participantes de sua amostra original. Os resultados desse estudo atestaram a teoria de Kohlberg e respectivo modelo: "os sujeitos passaram pelos estágios de desenvolvimento na sequência hipotética. Nenhum sujeito pulou um estágio na sequência [...]. Os resultados deste estudo foram interpretados como consistentes com um modelo de estágios

cognitivos de desenvolvimento, sem pular um estágio ou retroceder" (1983, p. 5, tradução nossa).

Como Shimizu (2002, p. 27) aponta, concomitantemente a esse estudo, "outras pesquisas interculturais e longitudinais foram realizadas, utilizando o mesmo critério de coleta de dados". Ainda segundo a autora (2002, p. 27), "para definir ou verificar um conjunto de tipos de desenvolvimento como estágios e elaborar uma nova formulação teórica, Kohlberg viu a necessidade de realizar certos descobrimentos empíricos, fundamentados em diversos estudos longitudinais, de culturas e sexos diferentes". Necessidade que então se dá para assegurar a validade universal da teoria e dos referidos vários outros pressupostos assumidos pelo modelo de desenvolvimento proposto, tais como a "sequência invariante, totalidade estruturada e integração hierárquica dos estágios mais baixos por parte dos estágios superiores" (p. 27).

Assim, a partir dos vários estudos em diferentes países e culturas (Kohlberg, 1981, 1982a, Nisan & Kohlberg, 1982), Duska e Whelan (1994, p. 9) ressaltam que Kohlberg buscou comprovar que seus seis estágios "transcendem situações particulares e períodos temporais definidos e podem ser aplicados a pessoas provenientes de civilizações, culturas e instituições diversas", ou seja, buscou assegurar a referida validade universal da teoria. Desse modo,

> Kohlberg desenvolveu um grande número de pesquisas em países de culturas diferentes para confirmar sua teoria. Emerge daí, claramente demonstrado, o fato de que a moral do jovem e do adolescente não é simplesmente uma ação de modelos culturais particulares oferecidos pela sociedade a qual pertencem. Das culturas examinadas (EUA, Turquia, Tailândia, México, Yucatan [Israel, Taiwan e Canadá]), todas apresentam o mesmo processo de desenvolvimento, o que caracteriza, portanto, uma estrutura transcultural (Duska & Whelan, 1994, pp. 8-9).

Portanto, mais do que formular um modelo geral de desenvolvimento moral caracterizado por três níveis e seis estágios, Kohlberg o estabeleceu a partir de critérios psicológicos e filosóficos que organizavam a forma e o conteúdo desses níveis e estágios e a relação entre cada um deles. Em resumo às evidências empíricas encontradas a partir dos vários estudos longitudinais e interculturais realizados durante sua carreira acadêmica, Kohlberg (1981, p. 136, tradução nossa) ressalta que "nossos dados empíricos foram consistentes com a hipótese de que nossos estágios morais são 'estágios verdadeiros' atendendo aos critérios [de sequência invariante, universalidade e integração hierárquica]", logo, validando a teoria e modelo proveniente tal como foram originalmente propostos pelo autor seguindo os referidos pressupostos psicológicos e filosóficos.

O legado de Kohlberg às teorias pós-kohlberguianas na Psicologia Moral contemporânea

Dado o exposto, encaminhamo-nos, agora, como etapa final deste artigo, em destacar, mesmo que de forma breve, o legado de Kohlberg para a Psicologia Moral. O autor, na verdade, também é reconhecido pelas implicações educacionais, filosóficas e metodológicas de sua obra, que são implicações respectivas aos caminhos que seu trabalho de pesquisa tomou – que aqui chamamos de "os pilares de sua obra". No entanto, para a presente exposição, nosso foco recai sobre as suas implicações psicológicas, pois tiveram maior – e direto – impacto no campo que veio a se chamar Psicologia Moral.

Um primeiro ponto que pode ser atribuído ao legado desse autor, como já ressaltado por Lind (2000) e Shimizu (2002), trata-se da revolução que ele causou ao estudo do tema.

No contexto global da Psicologia da década de 1950, período em que Kohlberg ingressou na Universidade e pós-graduação (Kohlberg, 1991/2006b), a Psicanálise e o Behaviorismo eram as principais abordagens disponíveis para o estudo psicológico do fenômeno moral. Todavia, consideradas por ele como abordagens teóricas *ingênuas* (Devries, 1991, Kohlberg, 1992), seu encontro com a teoria piagetiana lhe forneceu tanto um método de mensuração como um novo paradigma teórico, no qual "aparece o papel do sujeito humano como agente do processo moral, que se desenvolve e constrói sua moralidade", ao passo que "tanto para a psicanálise como para o behaviorismo, a moral parece ser algo que vem de fora, da sociedade, e que é internalizado" (Biaggio, 2006, p. 21). Logo, com os estudos que desenvolveu na década de 1960 em diante, fundamentando-se na alternativa piagetiana, Haidt (2013, p. 281, tradução nossa) atesta que: "Lawrence Kohlberg matou os dois dragões da psicologia do século XX – o behaviorismo e a psicanálise".

Isso nos leva a um ponto seguinte do legado de Kohlberg, a fundação da abordagem cognitivo-evolutiva do desenvolvimento moral. Resultante, então, do trabalho de pesquisa do autor baseado na teoria piagetiana e do qual extraiu sua própria teoria, essa abordagem despertou o interesse da comunidade acadêmica mundial para o estudo da moralidade e, mais especificamente, em tê-la como seu referencial teórico nessa empreitada.

Como mencionado há pouco na discussão sobre o seu pilar psicológico, Kohlberg (1981, 1982a, Nisan & Kohlberg, 1982), após sua pesquisa de doutoramento, realizou diversos estudos buscando corroboração empírica para seu modelo de desenvolvimento por estágios – momento que concerne aos primeiro e segundo períodos de sua vida acadêmica traçados por Freitag (1992). Esses estudos foram desenvolvidos com várias colaborações, como salienta Hayes (1994, p. 265, tradução nossa): "o entusiasmo de Kohlberg em trabalhar com outras pessoas resultou numa longa lista de antigos alunos e colegas que estão a alargar o seu trabalho".

Nesse sentido, ora mediante suas publicações, ora mediante as publicações de seus colegas e ex-alunos, Kohlberg viu sua abordagem cognitivo-evolutiva sendo divulgada globalmente e, posteriormente, replicada nos mais diferentes contextos e desenhos de pesquisa, em diferentes culturas, sendo convidado para participar e palestrar em eventos e Universidades de várias partes do mundo (Duska & Whelan, 1994).

Foi, inclusive, em tais ocasiões que Kohlberg conheceu muitos pesquisadores(as) que atuariam no campo da Psicologia Moral partindo de sua teoria, como foi o caso do alemão Georg Lind (1947-2021), que se conheceram pessoalmente em 1978, quando Kohlberg deu uma palestra em Starnberg, na Alemanha, e convidou Lind para ir à Universidade de Harvard e lá apresentar seu trabalho – o qual revisitava o conceito kohlberguiano de *competência moral* anunciado pela primeira vez em sua tese de Doutorado de 1958, mas que deixou de lado (Haste & Lind, 2002).

Além dos esforços de Kohlberg em divulgar suas pesquisas e de manter contato com outros(as) pesquisadores(as) da moralidade, também há de se considerar que, naquele contexto da Psicologia norte-americana que o autor se inseria, testemunhava-se um fenômeno que foi "chamado de 'ressurgimento', 'renascimento' e 'redescoberta' de Piaget no final da década de 1950 e início da década de 1960" (Burman, 2016, p. 72, tradução nossa). Esse fenômeno compreendeu a reentrada das ideias piagetianas nos Estados Unidos, anos depois de já terem sido publicadas pelo autor e, em algum nível, já recepcionadas pela comunidade acadêmica estadunidense.

Nesse período, porém, suas ideias, que sequer faziam parte do currículo da Psicologia (Devries, 1991), foram retomadas e o paradigma interacionista piagetiano ganhou espaço. E isso é devido, pelo menos em parte, à atuação de Kohlberg no campo moral, pois, segundo Devries (1991, p. 8, tradução nossa), ele foi "um dos primeiros americanos em Psicologia a reconhecer a importância dos esforços de Piaget, [...] Larry foi um dos primeiros defensores que articulou claramente a alternativa piagetiana". Inclusive fora do âmbito estadunidense, como no contexto latino-americano, também se reconhece que "Kohlberg foi sem dúvida um dos melhores porta-vozes modernos do construtivismo cognitivo" (Rique Neto & Camino, 2012, p. 55).

O efeito dessa atuação de Kohlberg, além de fundar uma abordagem teórica própria, foi o de fazê-la alcançar o *status* de mais produtiva e, por conseguinte, predominante entre as pesquisas sobre moralidade. Com ela, "o enfoque cognitivista tomou conta do campo da moralidade, sendo praticamente abandonados os estudos empíricos na linha behaviorista [...] e psicanalítica" (Biaggio, 2006, p. 21). E essa produtividade de estudos e pesquisas sobre moralidade baseados na abordagem cognitivo-evolutiva pôde consolidar um campo de estudos sistematizado sobre o fenômeno moral, a Psicologia Moral, que na época chegou a concorrer com os demais campos mais populares e produtivos da Psicologia (La Taille, 2007).

Assim, embora Kohlberg não tenha fundado o campo da Psicologia Moral, uma vez que antes dele já havia produções sobre o fenômeno moral a partir dessas outras abordagens teóricas, foi essa sua atuação a responsável pela consolidação do campo, no sentido de produtividade, popularidade e projeção internacional, como já citado.

Como ressaltam La Taille e outros (2004) e Lepre (2015), a Psicologia se diferenciou das demais Ciências interessadas pelo estudo da moralidade em razão do respaldo proporcionado pela abordagem cognitivo-evolutiva para pesquisas empíricas, pois forneceu métodos apropriados à sua investigação. Nesse sentido, Bataglia, Morais e Lepre (2010) enfatizam que grande parte da literatura, ascendida com base nessa abordagem, concerniu à elaboração de instrumentos de mensuração alternativos à MJI de Kohlberg (Colby & Kohlberg, 1987) – único instrumento elaborado e utilizado por Kohlberg em suas pesquisas – e à aplicação desses outros instrumentos em diferentes contextos. Tais instrumentos também se voltaram à avaliação de outros aspectos relacionados ao domínio moral, para além do raciocínio moral mensurado pela MJI. E essas várias alternativas de método também contribuíram para tornar a literatura da abordagem cognitivo-evolutiva ainda mais vasta.

Desses demais instrumentos de medida podem-se citar o *Sociomoral Reflection Objective Measure* (SROM) de Gibbs et al. (1984), o *Problem Identification Test* (PIT) de Hebert et al. (1990), e os *Defining Issues Test 1* (DIT-1) e *2* (DIT-2) de Rest et al. (1974) e Rest e Narvaez (1998) respectivamente, todos voltados ao aspecto do juízo moral, e o *Moral Competence Test* (MCT) de Lind (2000), único instrumento voltado ao aspecto da competência moral, instrumentos os quais seguem em uso em pesquisas sobre moralidade no Brasil, como ressaltam Bataglia et al. (2010).

Com isso, podemos prosseguir para outro ponto do legado de Kohlberg, que se refere ao vanguardismo do autor às atuais teorias sobre o desenvolvimento moral.

Se, por um lado, a abordagem cognitivo-evolutiva ocupava cada vez mais esse lugar de destaque, a ponto de consolidar o campo da Psicologia Moral, por outro lado, a teoria e o modelo de desenvolvimento de Kohlberg (1981, 1984, 1992) também passaram a sofrer diversas críticas. Conforme ressalta Danza (2014, p. 63):

> [...] ele recebeu muitas críticas relacionadas tanto à rigidez promovida pela compreensão da moralidade através de estágios universais, quanto ao fato de ele não ter levado em conta as necessidades afetivas dos sujeitos que emergem diante dos conflitos de natureza moral. Para além dessas críticas, vislumbramos sua grande contribuição, acreditando na importância das investigações sobre o desenvolvimento da moral deontológica, ainda que consideremos este referencial escasso para a compreensão dos complexos fenômenos da moralidade.

Como analisam Silva e Martins (2022), essas críticas permitiram o surgimento de outras teorias sobre o desenvolvimento moral, as quais, partindo dessa mesma perspectiva cognitivo-evolutiva, apresentaram, cada uma, proposições próprias visando sanar as limitações que constataram acerca do trabalho de Kohlberg. Por isso, para os autores, tais teorias poderiam se dizer pós-kohlberguianas.

Como mencionado acerca dos estudos e colaborações de Kohlberg durante os primeiro e segundo períodos de sua vida acadêmica traçados por Freitag (1992), décadas de 1960 e 1970, desde lá o autor "não esteve sozinho nos seus esforços [...] à compreensão do desenvolvimento humano ao longo das últimas décadas. Na verdade, foram propostas várias teorias do desenvolvimento promissoras que estão relacionados de uma forma ou de outra com a teoria de Kohlberg" (Hayes, 1994, p. 265).

Como exemplo, Turiel (Turiel & Killen, 2011), ex-aluno de Kohlberg, relata que os resultados encontrados nos estudos longitudinais conduzidos na década de 1970 pelo autor começaram a questionar a sequência dos níveis e estágios do modelo kohlberguiano – uma das críticas que lhe foi atribuída. Kohlberg e seus colaboradores, então comprometidos com seu modelo, "tentaram resolver essa questão por meio de ajustes nas descrições dos estágios", no entanto, "outros teóricos descobriram que uma resolução abrangente para os dados anômalos exigia ajustes substanciais na própria teoria" (Ilten-Gee, 2017, online, tradução nossa). A partir disso, algumas das teorias pós-kohlberguianas puderam ganhar força (Silva & Martins, 2022).

Assim, já na passagem da década de 1970 para 1980, viu-se o despontar das teorias pós-kohlberguianas, propostas por ex-colaboradores(as) ou não de Kohlberg, assim como de teorias preocupadas com outros aspectos do domínio moral não contemplados no seu trabalho. Nesse sentido, Danza (2014, p. 63) segue ressaltando que "os trabalhos de Kohlberg tiveram grande repercussão e deram origem a um número expressivo de trabalhos orientados neste paradigma [cognitivo-evolutivo]".

A partir dessas teorias pós-kohlberguianas, que cada vez mais têm fundamentado as pesquisas atuais da Psicologia Moral, pôde-se pensar em outros aspectos da moralidade (além do raciocínio moral), dentre os quais destacam-se: *domínios sociais* (Turiel, 1983), *Ética do Cuidado* (Gilligan, 1982), *competência moral* (Lind, 2000), *identidade moral* (Blasi, 1983, Colby & Damon, 1992), *esquemas morais* (Rest et al., 1999), e etc.

Durante a década de 1980, nos anos antes de seu falecimento, que coincide como o quarto período traçado por Freitag (1992), Kohlberg (1984, 1986, Levine, Kohlberg & Hewer, 1985) se dedicou tanto a revisar alguns aspectos da teoria, admitindo limites de abrangência, como a defendê-la em outros aspectos que foram criticados. Para Turiel (Turiel & Killen, 2011, p. 19, tradução nossa), no entanto, esse foi um período em que, com Kohlberg já afligido pela doença que contraiu

em 1971, "[...] o trabalho dele realmente parou por causa da doença, e há uma certa caraterística dele se repetindo ou estagnando e ficando na defensiva" em suas respostas às críticas que sofreu. E, dissipando as expectativas de a teoria continuar sendo aprimorada por seu próprio autor, no ano de 1987, aos 59 anos, morre Kohlberg.

Com sua morte, muito discutiu-se sobre qual o legado por ele deixado, "em quais novas direções o campo poderia se mover sem a força da presença e participação desse homem" (Hayes, 1994, p. 261, tradução nossa). No entanto, o próprio Hayes (1994, p. 265, tradução nossa) responde a essa questão: "Kohlberg deixou um rico legado de ideias que estão se mostrando suficientes para inspirar trabalhos que seguem a tradição construtivista da qual ele foi um porta-voz tão importante".

Considerações finais: qual o legado de Lawrence Kohlberg para a Psicologia Moral?

Neste artigo, a partir da divisão diacrônica da obra de Lawrence Kohlberg, buscamos analisar o seu pilar psicológico, destacando a importância que esse autor, sobretudo a partir do trabalho de pesquisa concentrado nesse pilar, teve para a consolidação da Psicologia Moral.

Embora seja a partir dele que o autor é comumente conhecido e associado na literatura científica, especialmente por meio do famoso modelo de níveis e estágios subjacente de sua teoria psicológica – principal produto desse pilar –, foi demonstrado ao longo do texto que o pilar psicológico da obra de Kohlberg vai muito além disso.

Assim, mais do que formular uma teoria que prescreve um modelo de como as pessoas se desenvolvem moralmente, Kohlberg, na verdade, revolucionou a pesquisa científica sobre o tema. A importância do autor que se buscou destacar no texto, portanto, resume-se ao lugar de destaque que ocupou na História da Psicologia Moral, pelo papel pioneiro que desempenhou – exaustivamente aqui exposto –, mas que ainda ocupa, a partir de seu legado à pesquisa contemporânea sobre moralidade e às teorias atuais que a fundamenta. Aderimos ao termo "pós-kohlberguiano" para explicitar a dívida que essas teorias têm com Kohlberg, ao mesmo tempo em que utilizamos o autor como grande marco divisório do campo: antes e depois de Kohlberg.

Esperamos ter fornecido apontamentos suficientes que sustentem nossa tese sobre o grande legado de Kohlberg à Psicologia Moral, que ressaltamos neste texto por meio dos seguintes aspectos: de que a fundamentação de Kohlberg no trabalho de Piaget retomou a importância da obra do epistemólogo suíço para a Psicologia estadunidense e, consequentemente, em todo o mundo (Devries, 1991, Burman, 2016); ele deu continuidade ao projeto inacabado de Piaget em torno da questão moral (Freitas, 2003); tornou a abordagem cognitivo-evolutiva do desenvolvimento moral, inspirada em Piaget, a mais produtiva no estudo científico da moralidade

(La Taille e outros, 2004, Biaggio, 2006); seus estudos consolidaram o próprio campo da Psicologia Moral (La Taille, 2007); e despertou o interesse da comunidade acadêmica mundial pela pesquisa sobre moralidade, tanto fazendo da moralidade um assunto de pesquisa (Lind, 2000; Shimizu, 2002) como sendo referência no campo desde aquela época até atualmente (Lepre, 2015, Silva, 2021).

Mesmo que muitas das teorias pós-kohlberguianas estejam, hoje, ocupando o lugar de destaque que uma vez a teoria de Kohlberg ocupou na Psicologia Moral, o legado de Kohlberg resiste ao tempo: ele continua sendo o principal nome associado ao campo, o qual ele próprio ajudou a consolidar, e sempre é retomado por tais teorias por se tratar ou uma de suas bases ou de uma das referências que elas têm no estudo da moralidade.

Não obstante, somente essa vertente psicológica da obra de Kohlberg, atrelada diretamente a elementos biográficos de sua vida pessoal (Biaggio, 2006, Assis e outros, 2018), já evidencia o importante legado deixado por Kohlberg (Hayes, 1994), sem necessitar visitar as demais contribuições do autor concentradas nas outras áreas de sua obra, não exploradas neste artigo, que também são muitas.

Temos verificado que há poucas análises, no âmbito nacional, sobre a teoria de Kohlberg e sua repercussão na Psicologia em termos de produção de uma História da Psicologia Moral no Brasil. A Psicologia Moral se estabeleceu no Brasil principalmente por meio de trabalhos empíricos reportados em teses e dissertações – pois não era exigência a publicação em artigos até o início dos anos 1990 –, entre os quais se têm replicações, análises originais considerando a cultura brasileira e propostas de avanço e mesmo mudanças na teoria como ela foi deixada por Kohlberg (Rique Neto & Camino, 2012).

Para tanto, é preciso um levantamento histórico dessas publicações, que é um trabalho que ainda precisa ser efetuado. Assim, com este artigo, espera-se contribuir com a inteligibilidade da obra desse autor e sua disseminação à pesquisa nacional sobre moralidade, incentivando mais pesquisas de natureza histórica no campo da Psicologia Moral brasileira[4].

Referências

Assis, E. R. de, Carneiro, K. T., Bronzatto, M., & Camargo, R. L. de. (2018). Lawrence Kohlberg e os anos de chumbo: demandas por justiça e a procura pela moralidade pós-convencional. *Educação Temática Digital, 20*(1), 276-297. 10.20396/etd.v20i1.8647967

[4] Como continuidade de investigação anterior (Silva, 2020; 2021), que revelou problemáticas relativas à difusão das ideias de Kohlberg, assim como de Carol Gilligan, no Brasil, o primeiro autor deste texto desenvolveu entre 2022 e 2023 a pesquisa "Difusão das ideias de Lawrence Kohlberg e Carol Gilligan no Brasil: uma História Oral da Psicologia do Desenvolvimento Moral", sob orientação do Prof. Dr. Mário Sérgio Vasconcelos, como uma primeira iniciativa para a produção da História da Psicologia Moral no Brasil.

Bataglia, P. U. R., Morais, A. de, & Lepre, R. M. (2010). A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. *Estudos de Psicologia, 15*(1), 25-32, jan./abr. 10.1590/S1413-294X2010000100004

Biaggio, A. M. B. (2006). *Lawrence Kohlberg: ética e educação moral*. Moderna.

Blasi, A. (1983). Moral cognition and moral action: a theoretical perspective. *Developmental Review, 3*(2), 178-210. 10.1016/0273-2297(83)90029-1

Burman, J. T. (2016). *Constructive history: From the standard theory of stages to Piaget's new theory*. [Tese de Doutorado, Faculty of Graduate Studies, York University]. York University. https://yorkspace.library.yorku.ca/items/bdcaede0-f523-454b-8c34-3542f9a638eb

Colby, A., & Damon, W. (1992). *Some do care: contemporary lives of moral commitment*. Free Press.

Colby, A., & Kohlberg, L. (1987). *The measurement of moral judgment: theoretical foundation and research validation*. Cambridge University Press.

Colby, A., Kohlberg, L., Gibbs, J., Lieberman, M., Fischer, K., & Saltzstein, H. D. (1983). A longitudinal study of moral judgment. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 48*(1/2), 1-124. https://doi.org/10.2307/1165935

Devries, R. (1991). The cognitive-developmental paradigm. In W. M. Kurtines, & J. L. Gewirtz (Orgs.) *Handbook of moral behavior and development* (pp. 7-12.). Lawrence Erlbaum Associates.

Duska, R., & Whelan, M. (1994). *O desenvolvimento moral na idade evolutiva: um guia a Piaget e Kohlberg* (E. Marietti, Trad.). Loyola. (Original publicado em 1975).

Freitag, B. (1992). *Itinerários de Antígona*: a questão da moralidade. Papirus.

Freitas, L. B. de L. (2003). *A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado*. Cortez.

Gibbs, J. C., Arnold, K. D. E., & Burkhart, J. E. (1984). Sex differences in the expression of moral judgement. *Child Development, 55*, 1040-1043. 10.2307/1130155

Gilligan, C. (1982). *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta* (N. C. Caixeiro, Trad.). Rosa dos Tempos. (Original publicado em 1982).

Haidt, J. (2013). Moral psychology for the twenty-first century. *Journal of Moral*

Education, 42(3), 281-297. 10.1080/03057240.2013.817327

Haste, H., & Lind, G. (2002). An interview with Georg Lind. *Journal of Group Tensions*, *31*(2), 187-215.

Hayes, R. L. (1994). The legacy of Lawrence Kohlberg: implications for counseling and human development. *Journal of Counseling & Development, 72*, 261-267. 10.1002/j.1556-6676.1994.tb00932.x

Hebert, P., Meslin, E., Dunn, E. V., Buirn N., & Reid, R. (1990). Evaluating ethical sensitivity in medical students: using vignettes as an instrument. *Journal of Medical Ethics, 16*, 141-145. 10.1136/jme.16.3.141

Ilten-Gee, R. (2017). Social Domain Theory. Disponível em https://www.moraledk12.org/elliot-turiel-c19bv. Acesso em 05 dez. 2024.

Kohlberg, L. (1981). *The philosophy of moral development*. Harper and Row.

Kohlberg, L. (1982a). A reply to Owen Flanagan and some comments on the Puka-Goodpaster exchange. *Ethics, 92*(3), 513-528. 10.1086/292359

Kohlberg, L. (1982b). Estadios morales y moralización. El enfoque cognitivo-evolutivo. *Infancia y Aprendizaje, 5*(18), 33-51.

Kohlberg, L. (1984). *The psychology of moral development*: the nature and validity of moral stages. Harper & Row.

Kohlberg, L. (1986). A current statement on some theoretical issues. In S. Modgil, & C. Modgil (Orgs.). *Lawrence Kohlberg: consensus and controversy* (pp. 485-546). The Falmer Press.

Kohlberg, L. (1992). *Psicologia del desarrollo moral*. Editorial Desclée de Brower.

Kohlberg, L. (2006a). Minha busca pessoal pela moralidade universal [My personal search for universal morality]. In A. M. B. Biaggio. *Lawrence Kohlberg: ética e educação moral* (pp. 80-88). Moderna. (Original publicado em 1991).

Kohlberg, L. (2006b). O retorno do estágio 6: seu princípio e ponto de vista moral [The return of Stage 6: Its principle and moral point of view]. In A. M. B. Biaggio. *Lawrence Kohlberg: ética e educação moral* (pp. 89-116). Moderna. (Original publicado em 1990).

Kohlberg, L., Power, F. C., & Higgins, A. (1997). *La educación moral según Lawrence Kohlberg*. Gedisa.

La Taille, Y. de. (2007). Desenvolvimento humano: contribuições da psicologia moral. *Psicologia USP, 18*(1), 11-36. 10.1590/S0103-65642007000100002

La Taille, Y. de, Souza, L. S. de, & Vizioli, L. (2004). Ética e educação: uma revisão da literatura educacional de 1990 a 2003. *Educação e Pesquisa, 30*(1), 91-108. 10.1590/S1517-97022004000100006

Lepre, R. M. (2015). Por que estudar a moralidade humana e seus possíveis desdobramentos?. In R. A. Martins, & L. A. N. Cruz (Orgs.). *Desenvolvimento sócio moral e condutas de risco em adolescentes* (pp. 9-24). Mercado de Letras.

Levine, C., Kohlberg, L., & Hewer, A. (1985). The current formulation of Kohlberg's theory and a response to critics. *Human Development, 28*, 94-100.

Lind, G. (2000). O significado e medida da competência moral revisitada: um modelo do duplo aspecto da competência moral. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 13*(3), 399-416. 10.1590/S0102-79722000000300009

Menin, M. S. de S., & Bataglia, P. U. R. (2017). *Uma balança para as virtudes: o valor da justiça*. Adonis.

Moraes, A. D. de. (2016). *Intervenção pedagógica e construção da competência moral em universitário.* [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas] Repositório UNICAMP. https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/967167

Nisan, M., & Kohlberg, L. (1982). Universality and variation in moral judgment: a longitudinal and cross-sectional study in Turkey. *Child Development, 53*(4), 865-876. 10.2307/1129123

Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (E. Lenardon, Trad.). Summus. (Original publicado em 1932).

Rest, J. R., Cooper, D., Coder, R, Masanz, J., & Anderson, D. (1974). Judging the important issues in moral dilemmas: an objective measure of development. *Developmental Psychology, 10*(4), 491-501. 10.1037/h0036598

Rest, J. R., & Narvaez, D. (1998). *Guide for DIT-2: a guide using the Defining Issues Test, version 2 ("DIT-2") and the scoring of the Center for the Study of Ethical Development*. Center for the Study of Ethical Development / University of Minnesota.

Rest, J., Narvaez, D., Bebeau, M. J., & Thoma, S. J. (1999). *Postconventional moral thinking: a neo-Kohlbergian approach*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.

Rique Neto, & Camino, C. (2012). Los tres legados de Kohlberg, según la visión de investigadores brasileños. *Postcovencionales, 5*, 35-67.

Shimizu, A. de. (2002). *Representações sociais e julgamentos morais de jovens: um estudo intercultural comparando duas abordagens teórico-*

metodológicas. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional Unesp. https://unesp.primo.exlibrisgroup.com/permalink/55UNESP_INST/niq1ua/alma990001712880206341

Silva, M. E. F. da. (2020). Carol Gilligan e a ética do cuidado na produção de pesquisa em psicologia do desenvolvimento moral de três programas de pós-graduação stricto sensu (2008-2019). *Schème, 12*(1), 166-204. 10.36311/1984-1655.2020.v12n1.p167-205

Silva, M. E. F. da. (2021). Afinal, o que foi o debate Kohlberg-Gilligan?. *Schème, 13*(1), 4-40. 10.36311/1984-1655.2021.v13n1.p4-40

Silva, M. E. F. da, & Martins, R. A. (2022). O desenvolvimento moral segundo Piaget, Kohlberg, Rest, Turiel, Gilligan e Lind: limites e potencialidades das principais teorias em Psicologia Moral. *Schème, 14*(2), 42-86. 10.36311/1984-1655.2022.v14.n2.p42-86

Turiel, E. (1983). *The development of social knowledge*. Cambridge University Press.

Turiel, E., & Killen, M. (2011). *SRCD Oral History Interview*: Elliot Turiel.

Nota sobre os(as) autores(as):

Matheus Estevão Ferreira da Silva é Doutorando e Mestre em Educação (2022) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC/UNESP) de Marília-SP, Pedagogo (2018) pela mesma instituição e Psicólogo (2023) pela Faculdade de Ciências e Letras (FCL/UNESP) de Assis-SP. Atualmente é professor substituto (bolsista) no curso de Pedagogia da FFC/UNESP/Marília. E-mail: matheus.estevao2@hotmail.com

Júlio Rique Neto é Doutor em Psicologia do Desenvolvimento Humano pela University of Wisconsin-Madison, Estados Unidos; Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba e Psicólogo Clínico pelo Instituto Paraibano de Educação. Atualmente é professor do programa de pós-graduação: mestrado e doutorado em psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: julio.rique@hotmail.com

Cleonice Pereira dos Santos Camino é graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco (1965), mestre em Psicologia - Universite Catholique de Louvain (1969) e doutora em Psicologia – Universite Catholique de Louvain (1979). Atualmente é professora titular da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: cleocamino@yahoo.com.br

Data de submissão: 19/06/2024
Data de aceite: 22/09/2024